

A MORTE DO DEUS-AUTOR: O USO DE METALINGUAGEM EM *CLUBE DA LUTA 2*¹

Diane Nascimento de Oliveira (UNEB)
dianen18oliveira@hotmail.com
Thiago Martins Prado (UNEB)
minotico@yahoo.com.br

RESUMO

“Clube da luta 2”, de Chuck Palahniuk, com ilustração de Cameron Stewart, continuação em quadrinhos de “Clube da luta”, comemora vinte anos do romance. A narrativa do volume 2 se passa dez anos após o desfecho do volume 1 e gira em torno da vida de Sebastian e seu alterego, Tyler Durden. Um dos elementos que chama a atenção na continuidade da história, além da mudança do meio em que a narrativa é transmitida, é a presença da metalinguagem – Palahniuk insere-se também como personagem dessa nova história e a escreve paralelamente ao desenrolar da narrativa. A partir disso, este trabalho se propõe a realizar uma breve discussão sobre como a metalinguagem é utilizada para ironizar a autoridade do autor e a recepção de *Clube da luta 2* pelos fãs. Assim, Palahniuk problematiza a relação com a sua autoridade de autor, pois tenta dar continuidade à narrativa, mas falha ao ser desautorizado pelos leitores, pela equipe com que escreve e pelos personagens. E para fundamentar essa discussão, dentre os autores que influenciaram e deram suporte teórico, destacam-se Michel Foucault (2002) e Roland Barthes (2004). As conclusões apontam para questionamentos de Palahniuk em relação a sua autoridade como autor, utilizando-se de muita ironia, bem como trazendo a presença de seus leitores para também compor a ficção.

Palavras-chave:

Metalinguagem. Chuck Palahniuk. Clube da luta.

ABSTRACT

“Clube da luta 2”, by Chuck Palahniuk, with illustration by Cameron Stewart, comic continuation of *Clube da luta*, celebrates twenty years of romance. The narrative of volume 2 takes place ten years after the outcome of volume 1 and revolves around the life of Sebastian and his alter, Tyler Durden. One of the elements that draws attention to the continuity of the story, in addition to the change of the environment in which the narrative is transmitted, is the presence of metalanguage – Palahniuk is also part of this new story and writes it in parallel to the unfolding of the Narrative. From this, this work proposes to conduct a brief discussion on how metalanguage is used to mock the author’s authority and the reception of “Clube da luta 2” by fans. Thus, Palahniuk problematizes the relationship with his author authority, as he tries to continue the narrative. From this, this work proposes to conduct a brief discussion on how meta-

¹ Artigo elaborado na disciplina Teorias de Linguagens, do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

language is used to mock the author's authority and the reception of "Clube da luta 2" by fans. Thus, Palahniuk problematizes the relationship with his author authority, as he tries to continue the narrative, but fails to be disauthorized by the readers, the team with which he writes and the characters. And to support this discussion, among the authors who influenced and gave the oretical support, we highlight Michel Foucault (2002) and Roland Barthes (2004). The conclusions point to Palahniuk's questioning of his authority as an author, using a lot of irony, as well as bringing the presence of his readers to also composefiction.

Keywords:

Fightclub. Metalanguage. Chuck Palahniuk.

1. Introdução

Escrito por Chuck Palahniuk e ilustrado por Cameron Stewart, "Clube da luta 2" foi publicado em 2015 e é uma sequência, em quadrinhos, do romance "Clube da luta", do mesmo autor. O volume 2 comemora vinte anos da publicação do romance, que ocorreria em 2016.

A narrativa de "Clube da luta 2" acontece dez anos após o desfecho de "Clube da luta" e trata sobre o retorno de Tyler Durden, bem como dos projetos envolvendo o clube da luta – grupo que reunia homens que lutavam por esporte, aliviando as pressões e imposições sociais e vivava ao elogio à liberdade, ao autoconhecimento e ao crescimento individual – além disso, traz os novos dilemas de Sebastian, narrador-personagem do volume 1, que agora tem nome, está casado com Marla e é pai de Júnior.

Nesse sequência, persistem temas muito recorrentes na escrita de Palahniuk, como discussões em torno da moral padrão e críticas ao consumismo desenfreado, contudo outros elementos também chamam a atenção no volume 2 da obra, por exemplo, a mudança do meio em que a narrativa é transmitida – a sequência é em quadrinhos e não em romance – ou o uso da metalinguagem – Palahniuk e sua equipe aparecem como personagens e vão escrevendo o enredo paralelamente ao seu desenrolar. Esse último será o objeto de discussão deste artigo.

À vista disso, no livro *Linguística e comunicação*, Roman Jakobson (2003, p. 127), afirma que há metalinguagem: "sempre que o remetente e/ou o destinatário têm necessidade de verificar se estão usando o mesmo código, o discurso focaliza o CÓDIGO; desempenha uma função METALINGUÍSTICA (isto é, de glosa)", além disso Jakobson (2003) salienta que a metalinguagem é de extrema importância na linguagem cotidiana por sua ampla presença. Samira Chalhub (1998), no livro *A meta-*

linguagem, reforçando o conceito, reitera que “(...) a linguagem *b* refere-se, em sua própria linguagem, à linguagem *a*” (CHALHUB, 1998, p. 07). Ou seja, a metalinguagem emprega o próprio código para explicá-lo.

Dessa forma, por meio de metalinguagem, linguagem que descreve ela mesma, Palahniuk insere-se também como personagem dessa nova história e a escreve paralelamente ao desenrolar da narrativa, que é atravessada por questionamentos de seus fãs e até dos personagens. Assim, o presente trabalho pretende apresentar uma breve discussão sobre como a metalinguagem é utilizada para ironizar a autoridade do autor e até mesmo a recepção de “Clube da luta 2” pelos leitores. Para tanto, servirão de suporte para a reflexão os textos “O que é um autor?”, de Michel Foucault (2002), “A morte do autor”, de Roland Barthes (2004) e “O autor como gesto”, de Giorgio Agamben (2007). As discussões de Foucault (2002) em torno dos questionamentos sobre o que é um autor corroborarão para entender a relação do texto com seu autor, bem como a noção de obra, de escrita que são necessárias à apreciação de “Clube da luta 2”. O debate de Barthes (2004) gira em torno da premissa de que para a escrita nascer, o autor tem de morrer, além de evidenciar a importância do leitor – tese que se aproxima da relação entre o autor e os leitores retratados nessa história em quadrinhos. Já os estudos de Agamben (2007) contribuirão para compreender sua noção de autor, bem como a relação que é feita entre autoria e gesto, que amplia as questões argumentadas por Foucault (2002) e Barthes (2004) e observadas nessa narrativa de Palahniuk.

2. A metalinguagem e a relação do autor com o texto

De início, considerando esse panorama referente ao uso da metalinguagem, na primeira cena em que Palahniuk aparece como personagem de sua história, ele recebe uma ligação de Tyler, um dos personagens protagonistas de “Clube da luta 2”, o qual avisa que está de volta (Fig. 01).



Fig. 01. Palahniuk e Stewart, p. 28.

A partir daí, a presença de Palahniuk é recorrente até ao final da narrativa. Quase como um deus-autor, ele é acionado pelos personagens que o procuram na tentativa de resolução de seus dilemas. Isso ocorre, por exemplo, quando Marla, uma de suas personagens, vai à casa do autor, onde ele e sua equipe estão reunidos escrevendo “Clube da luta 2”, para perguntar para onde o filho dela foi levado – ainda nessa página, uma das integrantes da equipe questiona se a narrativa não está ficando “meta” demais (Fig. 02); ou quando Sebastian liga para o autor solicitando ajuda para conseguir resolver o desfecho da narrativa – sua equipe discute possibilidades e se compara a deuses (Fig. 03). Em alguns momentos, Palahniuk aparece também reunido com sua equipe, escrevendo o volume 2 de “Clube da luta”. Em uma dessas ocasiões, o autor aparece dialogando com o grupo sobre a impossibilidade de um final para a história (Fig. 04).



Ao se fazer presente, juntamente com toda uma equipe que o au-

xilia na escrita – mas ao mesmo tempo com diversas barreiras para a construção da narrativa – Palahniuk tenta ensaiar o seu desaparecimento. Seja por achar que não sabe o que escrever, seja por ser contestado quando escreve cenas que não são tidas como politicamente corretas – por exemplo, quase matar o cachorro (p. 64-5) ou mandar crianças para lutar (p. 206) – ele ironiza sua própria condição de autor, sua autoridade diante do texto que tenta construir.

Na tentativa de compreender a relação que Palahniuk estabelece com sua obra, por meio do uso de metalinguagem, trazem-se as ideias de Foucault, quando discute a relação do texto com o seu autor. Foucault (2002, p. 36), ao ressaltar que o sujeito da escrita sempre está a desaparecer, argumenta que: “(...) por intermédio de todo o emaranhado que estabelece entre ele próprio e o que escreve, ele retira a todos os signos a sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência”.

Com base nisso, Foucault (2002, p. 38 e 39) vai problematizar a noção de obra: “Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte?” e a noção de escrita que “(...) faz substituir, na luz cinzenta da neutralização, o jogo das representações que configuram uma certa imagem do autor”. Segundo o filósofo tais noções destinam-se a suceder o privilégio do autor e acabam bloqueando-o. Contudo Foucault não acredita que, com isso, o autor morra. Segundo ele: “Trata-se, sim, de localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto” (FOUCAULT, 2002, p. 41).

Próximo desse pensamento de Foucault sobre a relação do autor com o texto, Giorgio Agamben, no capítulo “O autor como gesto”, contido no livro *Profanações*, associa o conceito de gesto ao de autoria. Agamben (2007, p. 59) frisa que “(...) o autor está presente no texto apenas em um gesto, que possibilita a expressão na mesma medida em que nela instala um vazio central”. Assim sendo, é o gesto que marca, ao mesmo tempo, a expressão do autor e o vazio criado por ele no texto.

Em artigo intitulado “A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben”, Joachin Azevedo Neto (2014, p. 161), salienta que os gestos que Agamben associam ao autor “(...) seriam essas ações espontâneas e enigmáticas que conseguem ultrapassar os limites da linguagem”. Com isso, o gesto do autor é indispensável ao texto e, conforme Agamben, na

mesma medida, que torna o texto possível, anula sua intenção e lhe excede. Nessa perspectiva, Agamben (2007, p. 61) reforça que: “o gesto do autor é atestado na obra a que também dá vida, como uma presença incongruente e estranha (...) também o gesto do autor garante a vida da obra unicamente através da presença irredutível de uma borda inexpressiva”.

Diante disso, nota-se que Palahniuk ironiza sua condição de autor, de deus da obra, porém acaba evidenciando ainda mais o quanto ele é necessário para a trama. Apesar das barreiras que o próprio constrói para a escrita da narrativa, Palahniuk e sua equipe sabem que são eles quem comandam o desenrolar da história. De forma igual, satirizam a soberania que detêm ao se compararem com deuses: seus personagens sempre são controlados. Até quando eles procuram o autor para pedir sugestões de como agirem em determinadas situações é porque o autor e a equipe quis assim. Por outro lado, ao mostrar que escreve em grupo, ele renuncia, em certa medida, intencionalmente ou não, à imagem de única autoridade de seu texto; assim, de alguma forma, Palahniuk enquanto gesto e até sua presença física, por meio da metalinguagem, também o fazem ausente, ou, ao menos, traz à luz outros deuses-autores.

3. A morte do autor e o nascimento do leitor

Mais radical que Foucault e Agamben quanto à relação do autor com o texto e no que diz respeito ao desaparecimento do autor, Barthes alega que o autor precisa morrer para a escritura nascer. Segundo esse semiólogo: “(...) a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (BARTHES, 2004, p. 57). Para Barthes, o autor morre, porque é a linguagem quem fala, não ele. Por outro lado, apesar de ser muito drástico quanto ao tema da morte do autor, Barthes antevê a importância do leitor para a obra. Conforme Barthes (2004):

[...] o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino [...] ele é apenas esse *alguém* que se mantém reunido em um mesmo campo todos os traços de que é construído o escritor. (BARTHES, 2004, p. 64)

Para pensar na importância do leitor, sinalizada por Barthes, é in-

interessante analisar também os leitores de Palahniuk, que igualmente são trazidos para *Clube da luta 2*. Nessa HQ, há a junção da tríade autor–leitor–obra. Após o autor escrever o desfecho desse volume 2, no qual Tyler destruiu todo o mundo, que está corrompido, dezenas de fãs, com tatuagens e botons com frases do romance “Clube da luta” vão para a porta de sua casa questionar o final ruim da história (Fig.05). Essa reação é tão grande que, contrariando Palahniuk, os leitores e a equipe do autor decidem mudar o desfecho da narrativa (Fig. 06).



Fig.05. Palahniuk e Stewart, p. 248. Fig. 06. Palahniuk e Stewart, p. 250.

A partir desse momento, Palahniuk é levado a parar de escrever e torna-se quase um personagem coadjuvante de sua própria história, e os leitores do volume 2 passam a reescrever o final de “Clube da luta 2” – muitos desses leitores conheciam o filme “Clube da luta”, de David Fincher, mas alguns nem haviam lido o romance homônimo. Neste instante da narrativa, literalmente, o nascimento do leitor é pago com a morte do autor, como defendia Barthes.

Esse leitor que nasce sai da inércia que até então estava imerso e assume uma importância que antes era legada somente ao autor. Sobre o papel ativo e participativo dos leitores, Henry Jenkins, no capítulo “Por

que Heather pode escrever”, do livro *Cultura da convergência*, afirma que os leitores passaram a sentir a sensação de posse em relação às obras que se tornaram fãs e a reivindicarem o direito de participar dela. Ademais, Jenkins (2009) também acredita que essa cultura participativa dos fãs desmistifica a aura do autor e faz questionar a compreensão que se tem sobre o que é ser autor.

Dessa maneira, esse leitor que surge com a morte do autor, como acreditava Barthes (2004), se torna um fã que reivindica uma presença ativa numa cultura mais participativa, como propõe Jenkins (2009). Também sobre a relação que se estabelece entre o texto, o autor e o leitor, Agamben (2007), discorrendo sobre poema, enfatiza que o ter lugar do poema não está nem no texto nem no autor nem no leitor, mas no gesto no qual esses dois últimos se põem em jogo. Assim sendo,

O autor não é mais que a testemunha, o fiador da própria falta na obra em que foi jogado; o leitor não pode deixar de soletrar o testemunho, não pode, por sua vez, deixar de transformar-se em fiador do próprio inexausto ato de jogar de não ser suficiente. (AGAMBEN, 2007, 63)

Em consequência dessa relação de interdependência do texto com o autor e o leitor, Agamben afirma ainda que o autor estabelece o limite de até onde a interpretação do leitor pode ir. Ou seja, quando a leitura “(...) encontra, de qualquer modo, o lugar vazio do vivido, ela deve parar” (AGAMBEN, 2007, p. 63). Nessa medida, para ele tanto o autor quanto o leitor devem continuar inexpressos no texto.

Com isso, apesar de ironizar seus leitores por buscarem uma experiência de falsa redenção, contra as próprias ideias que Tyler cultivava, Palahniuk coloca-se no mesmo nível de importância dos leitores e dos personagens. Em certa medida, os leitores e os personagens até têm mais relevância e poder de decisão na trama: os leitores e a equipe do autor modificam o final genocida escrito por ele; após o desenrolar do novo desfecho escrito pelos fãs (o fim depois do fim), após Palahniuk dizer a Tyler que Marla está grávida e que ele vai escrever a cena de aborto que foi cortada do filme, Tyler mata-o para ele não escrever essa cena (Fig.07 e Fig. 08).



Fig. 07. Palahniuk e Stewart, p. 261. Fig. 08. Palahniuk e Stewart, p. 262.

Aqui, é possível retornar a Foucault (2002, p. 37) quando explana que: “(...) é-lhe necessário representar o papel de morto no jogo da escrita”. Ao matar seu deus-autor, Tyler prova o quanto é forte e independente do criador, de modo igual, as potencialidades e as capacidades pouco compreensivas e criativas dos leitores são exploradas pelo autor. Assim, por meio de metalinguagem, Palahniuk desmonta, inclusive, sua aura de autor, constatando, talvez, que, para a obra sobreviver, “suas armações de segunda, suas retribuições de terceira, suas reviravoltas de quinta” (PALAHNIUK, 2016, p. 262), precisam desaparecer.

4. Considerações finais

Por meio de uma história “meta demais” – como é assinalado pela própria equipe de criação e roteirização durante a escrita. Palahniuk problematiza a relação com a sua autoridade de autor, pois tenta dar continuidade à narrativa, mas falha ao ser desautorizado pelos leitores, pela equipe com quem escreve e pelos personagens. Dessa forma, verifica-se também que toda a construção desse percurso que leva à sua “morte” é permeada por muita ironia: ele contesta seu lugar, contudo, igualmente, põe em questão o sentimento de posse dos leitores que, ao optarem por

uma experiência de falsa redenção, demonstram o pouco conhecimento que têm sobre a narrativa da qual se dizem fãs. Contudo, apesar da presença física de Palahniuk e dos leitores em “Clube da luta 2”, quem tem a última ação para o desfecho dos quadrinhos é Tyler Durden que, literalmente, mata o autor (a criatura sobrevive ao criador) e, assim, tomas as rédeas de sua história e de suas ideias. Palahniuk é um mero gesto, que, através da sua irreduzível necessidade, marca um vazio – como entende Agamben (2007) – e desaparece no jogo da escrita – como propõe Foucault (2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. O autor como gesto. In: *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 55-63

BARTHES, R. A morte do autor. *O rumor da língua*. ed. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 43-62

CHALHUB, S. Ler o universo em linguagens. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1998. p. 5-10

FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 2002. p. 29-87

JAKOBSON, R. Linguística e poética. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, ed. 19, 2003. p. 118-62

JENKINS, H. Por que Heather pode escrever. *Cultura da convergência*. ed. 2. São Paulo: Aleph, 2009. p. 247-94

NETO, J. A. A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben. *Florema – Caderno de Teoria e História Literária*. Vitória da Conquista, Ano VIII, n. 10, p. 153-64, jan./jun. 2014.

PALAHNIUK, C. *Clube da luta 2*. Ilustração de Cameron Stewart. São Paulo: LeYa, 2016.